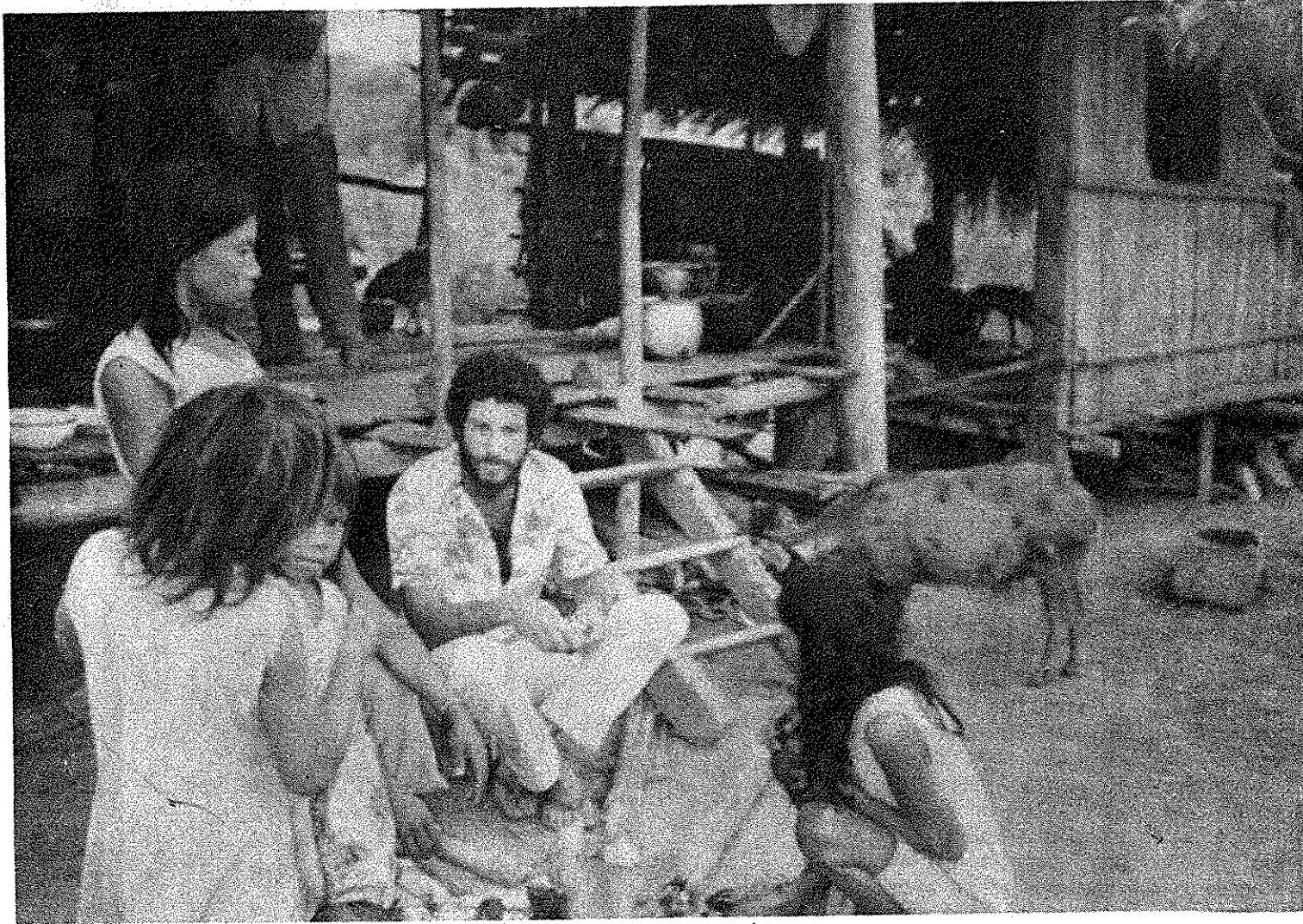


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha do Arce Class.: Kulina 27
 Data: 30/08/83 Pg.: Folha 2

F-A-30/08/83.

Kanaú: Kulina pensa em kulina e não em português



Kanaú: "o português não tem nada a ver com a forma de pensar kulina"

Francis Mary

Kanaú foi para a aldeia dos Kulina em julho de 78, tinha 24 anos, não sabia o que ia fazer, vinha mais inspirado por sonhos românticos e espírito de aventura, "eu não tinha nenhum plano — diz ele — queria romper com a sociedade, fugir, quando cheguei na aldeia levei um tabefe, porque eu imaginava uma coisa idílica, e fui percebendo que a coisa era outra. Conhecia a situação indígena só teoricamente". O contato com a realidade indígena o desmontou, porque, com o passar dos dias, ele viu que estava convivendo com um grupo vindo de muitos massacres, que estava perdendo a sua cultura, explorados pelos seringalistas, praticamente condenados à morte.

Kanaú morou 5 anos com os Kulina. Quando chegou na aldeia, não sabia falar uma palavra na língua Kulina, e para conseguir conviver com esses índios se empenhou em aprender a sua língua, pois eles não falavam o português, "raramente alguns falavam português ou o castelhano, devido a proximidade com o Peru. Existem muitos Kulina no Peru e no Brasil.

O que mais mexeu com a cabeça de Kanaú foi aprender a língua kulina, mais isso era da maior importância para o seu trabalho, porque se ele chegasse lá para ensinar o português, iria simplesmente implantar essa língua que não tem nada a ver com a forma de pensar kulina.

"Então eu não montei uma escola para eles, porque eu estava na escola e tinha muita coisa para aprender; como por exemplo, as relações humanas da tribo, os tabús, os medos, os mistérios da mata, a escola do feitiço, a sobrevivência na mata". Houve uma troca boa, porque o que ele tinha para trocar era a escrita — tentar fazer com que os kulina conseguissem registrar através da escrita a sua forma de ver o mundo, as suas relações com o branco. "Era necessário que eles registrassem essas coisas, mas não na forma utilizada pelo povo que o colonizou, porque fazer a alfabetização de um povo numa língua estranha à sua é alfabetizar ao contrário, o Kulina pensa em Kulina e não em português".

Observando, estudando e vivenciando a vida dos Kulina Kanaú foi montando um plano, que ele chama de Plano Político Pedagógico de Alfabetização na Língua Tribal e isso brotando a partir do seu convívio com os Kulina, da realidade que eles estavam vivendo, da sua fome, das exploração que eles sofrem nas fazendas que invadiram suas áreas "e da minha solidão de ser um branco no meio de um povo que estava condenado".

Ele afirma que esse trabalho é até combatido pelo meio antropológico, porque esse pessoal que faz pesquisa e quer catalogar tudo, estão preocupados em fazer isso em pouquíssimo tempo, e aprender uma língua indígena leva anos, "como eu não tinha um tempo determinado, me joguei, como quem quer aprender com eles e não só registrar dados".

A carga política desse método está no fato dos Kulina utilizarem a língua tribal es-

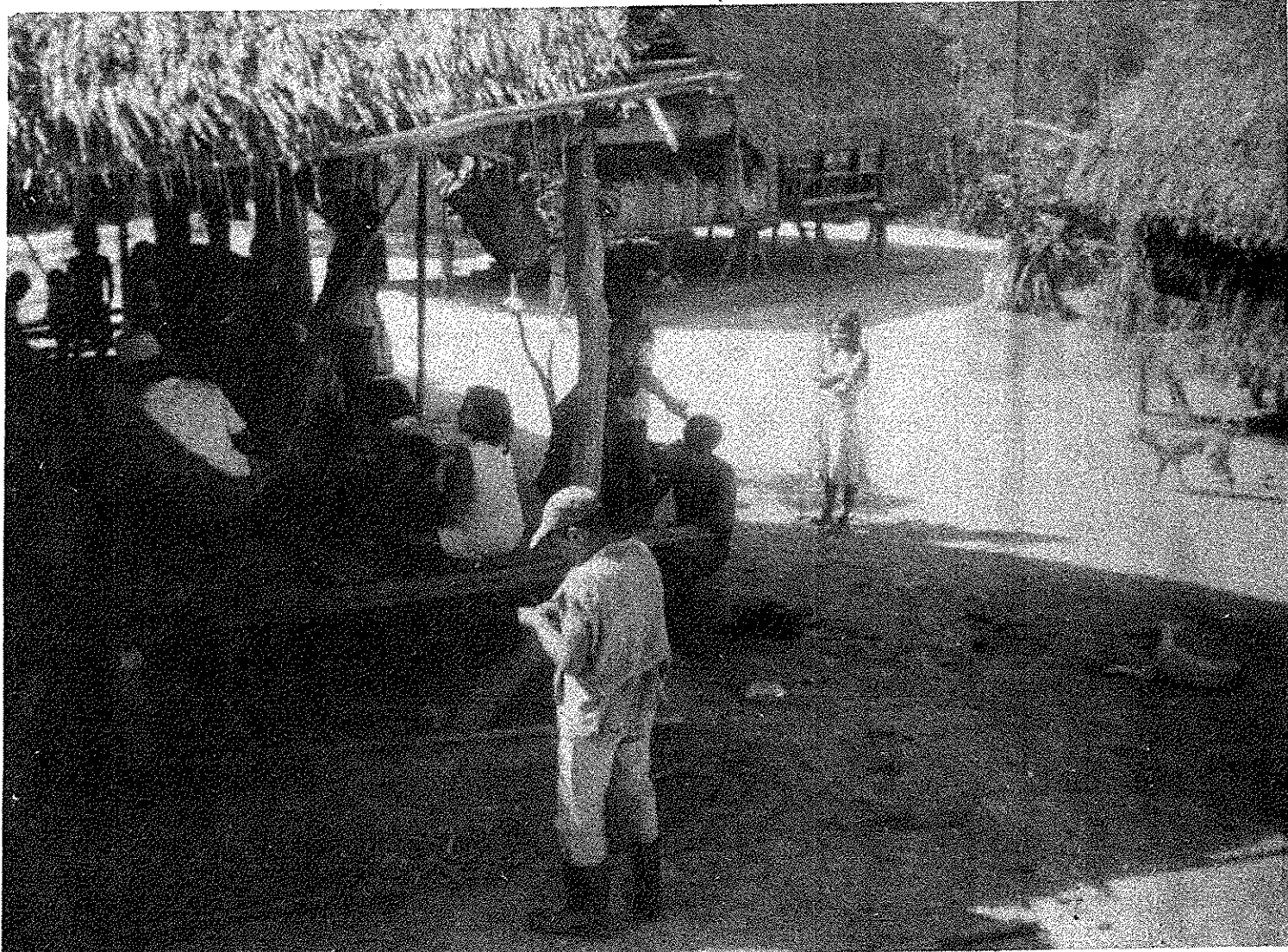
crita como um instrumento político, porque eles podem se comunicar numa língua escrita que somente eles entendem.

A ESCOLA KULINA

Num certo momento surgiu um espaço, que era o lugar onde os homens e algumas crianças se reuniam, todas as manhãs para falar da vida, dos mitos, das caçadas, das pescarias, etc. Nesse espaço surgiu a crítica e os questionamentos das relações da aldeia com o exterior, o dito mundo civilizado: quem era o marreiteiro, o fazendeiro, o seringalista, a FUNAI, ou seja, com o tempo, eles deram um saldo da visão motológica da terra para uma visão mais política, discutindo uma realidade em que a terra não é mais de todos, como eles pensavam, mas que está tudo dividido e para eles restou somente um pedacinho, pelo qual eles tem que lutar.

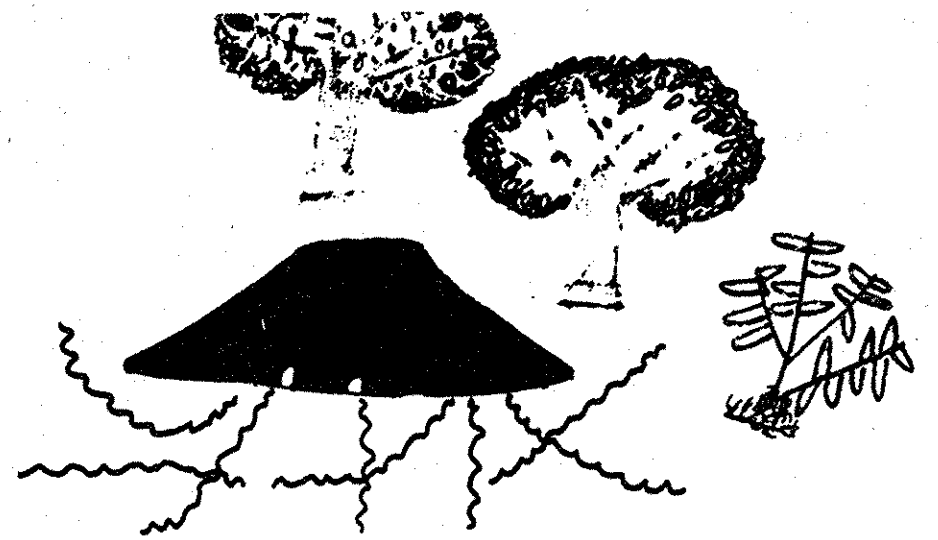
Depois de ter passado 5 anos na aldeia Kulina, Kanaú está ordenando e registrando o processo de alfabetização e, principalmente, preparando a publicação dos materiais que vão retornar a aldeia: livros ilustrado e escrito por eles, na língua deles, contendo a reflexão deles — a literatura de um povo ágrafo que aprendeu a escrita. É a história do Kulina contada pelo Kulina, também está preparando uma gramática da língua kulina e um dicionário Kulina-português, português-kulina com 4.000 vocábulos.

Em dezembro de 1982 ele publicou uma cartilha para alfabetização que já está em uso no Jurúá, Purus e enviara, desde janeiro. Todo esse material não tem fim comercial e a utilidade deles está no fato de servir ao povo que o produziu — os kulina.



Aldeia kulina

folha 2
Rio Branco, 30.08.83



maittaccadsamapa aj dsarmadia madija pohwade nira madimanaccade.
 madimanaisataccade jiru, dsolu, alacoku gahwioja naccade.
 odselajda huapama madijquumanadi.
 odselaja lodida ididini poccademi huimaboti huati, huati quimaccade.
 huimaboti maricanalabaqui nadsapa madimanahissa taccade.
 huima wri maraccade. dsamapi huapimaccade.
 dsotodipa carihua baccoquimajari nadi. carihua madyacca dsama lotide
 jipatajari wrica huimabotijine. poccademi lotui huajine naco
 inahatomanaforo. madija huapitiraha carihua inajicojoride.
 madijademica amonyicha ajajajumenadi. ejidini dsajoinamimamadi.
 poccademi midse tojohijine. madija jicabotimadi.
 motapa carihuacca dsodossitabaqui toquiejimadi.
 jidapana madija huapiratahi.
 dsirudeni huapitadisa mamadimama najari.
 otra ladimena. jibaraana n. aja carihua dsajaj. dsajaj. dsajaj. dsajaj.
 dsarotohui, solotohui, sahotohui quimahi.
 madija tarahata jidrahipa dsodspataji sapiki.
 madijapa dsimiro qquide dsamotadsapa carihua dsomaidojari
 madijacca dsama rajanodsapi madija madimanahissatabitohui
 pina maittaccadsamassa najari.

ohua onipi losi cacohuuri madija



muito tempo atras, nesta terra toda, só morava indio.
 morava bonito. cantava, fazia festa, caçava, pescava.
 familia morava tudo junto numa maloca que culina chamava ossa
 leji. na maloca os velhos contavam historia
 antiga. historia antiga ensinava culina viver bonito.
 não tinha fome. a terra era de todos.
 depois chegou branco.
 branco queria terra de culina para cortar seringa,
 para botar fozunda. branco matou muito kulina.
 abusou de mulher de kulina. levou crianca para criar.
 kulina que se acaba, sobrou pouco e virou escravo
 de seringueiro. agora kulina é pouco.
 mora tudo longe, em casa pequena. agora velho não pode
 mais contar historia antiga. agora kulina quer mercadoria.
 quer roupa, quer municao, quer sal. kulina tem que trabalhar
 duro para comprar mercadoria. se kulina não conhece dinheiro,
 branco enganava, não paga certo.
 quando kulina aprende ler fazer calculo, ai branco não
 pode mais enganar kulina.
 quando terra de kulina tiver demarcada ai kulina
 vai viver bonito como antigamente.
 ohua onipi jamanani dsomaji madija

Ohua Onipi Jamanani Dsomaji Madija é o autor desse texto que mostra como os Kulina viviam antes da chegada do branco... o primeiro texto está escrito na língua dos Kulina e o segundo texto é a tradução para o português. Os kulina querem a sua terra demarcada para "viver bonito como antigamente".